

NARCISISMO NAS ORGANIZAÇÕES: Formas de investimento pulsional no capitalismo tardio

Narcisism at organizations: Pulsional investment manners on late capitalism

**Amon Narciso de Barros^a, Carolina Riente de Andrade^b,
Ludmila de Vasconcelos Machado Guimarães^c**

^a Mestrando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialista em Gestão de Pessoas, Belo Horizonte, BH - Brasil, e-mail: amonbarros@gmail.com

^b Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialista em Gestão de Pessoas, Psicóloga, Belo Horizonte, BH - Brasil, e-mail: carol@tectran.com.br

^c Mestranda em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais, Administradora, Belo Horizonte, BH - Brasil, e-mail: vmguimaraes@hotmail.com

Resumo

No ambiente da sociedade capitalista moderna, é possível notar que o desemprego estrutural corrobora para o aumento do individualismo e da valorização da vida privada. A hierarquia, a disciplina, o controle e as demais práticas organizacionais são legitimados pelas empresas quando disseminam a crença de que são necessárias e fundamentais para o desenvolvimento do negócio e um bom andamento do trabalho. Com isso, lideranças arbitrarias encontram o cenário perfeito para dar vazão a impulsos narcisistas, exercendo dominação sobre as pessoas. Objetiva-se com este ensaio teórico responder à questão que relaciona a libido narcisista dos sujeitos com as práticas de poder aplicadas pelas organizações na fase do capitalismo tardio e o investimento simbólico consequente. Percebe-se, que a substituição do ideal do ego pela imagem internalizada da organização pode ter um efeito negativo sobre o narcisismo do sujeito, trazendo à tona comportamentos sádicos e masoquistas que, por sua vez, estão vinculados às pulsões de vida e de morte descritas por Freud. Os conceitos psicanalíticos aliados às análises sociais, sem reduzir os primeiros às segundas, são de grande valia para desvelar os abusos aos quais os sujeitos são, muitas vezes, submetidos em seu ambiente de trabalho.

Palavras-chave: Narcisismo. Pulsão. Sociedade. Trabalho. Organização.

Abstract

In the Modern Capitalism Society It's possible to note that the structural unemployment contributes to increase the level of individualism and the valorization of private life. Hierarchy, discipline, control and all the others organizational practices are confirmed by companies when they input some beliefs that these are necessities to the business and work development. In this context, arbitrary leaderships find the perfect environment for their narcissistic impulse and uses power to manipulate people. The main intention of this theoretic paper is to try to answer the question that relates the Narcissism's lust (trieb) with the power practices used on Late Capitalism and the consequent symbolic investment. It was possible to note that the replacement of Ichideal for the organizational internalized image may have a negative effect on the narcissism of subject, bringing up sadism and masochism behaviors, related with the death and life pulsions as Freud described. The Psychoanalytic concepts lined with the social analyses, give a great contribution to the comprehension of abuses that subjects suffers at work sometimes.

Keywords: *Narcissism. Pulsion. Society. Labor. Organization.*

INTRODUÇÃO

Intenta-se através deste ensaio teórico trazer elementos que auxiliem na resolução da seguinte questão: como o relacionamento dos sujeitos com a organização é afetado e afeta as pulsões narcísicas dos sujeitos? A resolução dessa questão abre a possibilidade de se estabelecer uma discussão a respeito da importância de fatores sócio-psíquicos na reprodução de práticas sádicas ou masoquistas no cotidiano dos sujeitos; considerando-se que o narcisismo é, na perspectiva freudiana, inerente ao ser humano e pode estar vinculado a essas práticas citadas. Para isso, é interessante contextualizar a discussão em relação à sociedade capitalista contemporânea, ambiente no qual os relacionamentos entre os sujeitos e a organização vão se estabelecer.

No ambiente da sociedade capitalista moderna, é possível notar que o desemprego estrutural corrobora para o aumento do individualismo e da valorização da vida privada. A naturalização das leis econômicas faz parecer que o trabalho só existe no âmbito das organizações capitalistas e tem como finalidade única rendimentos monetários, que torna o sujeito apto a realizar trocas mercantis. O trabalho, que é a ação consciente para modificar a realidade ao mesmo tempo em que o sujeito é modificado, perde parte de sua importância e o foco das análises muitas vezes se volta para o consumo. Entretanto, considera-se que o trabalho ainda é fonte passível de construção da identidade individual apesar de correntes vinculadas à pós-modernidade, ou ao pós-estruturalismo, afirmarem o contrário (Bauman, 2007).

As organizações têm grande importância na vida psíquica e social dos trabalhadores. Isso se dá tanto pela forma como se estabelece o relacionamento do funcionário com a empresa, quanto pelos investimentos libidinais que são demandados para que qualquer trabalho se realize. Percebe-se que as organizações fomentam a existência de alguns sujeitos, designados pela ordem hierárquica a liderar, que tenham “sentido grandioso de sua própria importância, arrogância, preocupação com o poder e a riqueza, busca excessiva pela admiração, sentimento de ter direito a tudo, falta de preocupação e menosprezo pelo próximo” (Lubit, 2002, p. 68). Apesar de o termo narcisismo ser comumente utilizado como indicador de sujeitos autorreferentes, pretende-se aqui elucidar o inter-relacionamento dos comportamentos sádicos e masoquistas com a libido narcisista, vista na perspectiva freudiana.

A hierarquia, a disciplina, o controle e as demais práticas organizacionais são legitimados pelas empresas quando disseminam a crença de que são necessárias e fundamentais para o desenvolvimento do negócio e um bom andamento do trabalho. Com isso, lideranças arbitrárias encontram o cenário perfeito para dar vazão à libido narcisista e exercerem a dominação sobre as pessoas enquanto, por outro lado, outras passam a se submeter e aceitar a sujeição, o que leva ao estabelecimento de uma relação sádica ou masoquista, conforme o caso.

Contudo, apesar do papel importante que a inserção em determinado local de trabalho exerce na formação psíquica do indivíduo, entende-se que o

homem não tem sua existência reiniciada quando ingressa na organização. Conforme apontam Dejours, Abdoucheli & Jayet (2007, p. 24), o trabalhador não chega ao seu local de trabalho como uma “máquina nova”: “Ele possui uma história pessoal que se concretiza por uma certa qualidade de suas aspirações, de seus desejos, de suas motivações, de suas necessidades psicológicas, que integram sua história passada. Isso confere a cada indivíduo características únicas e pessoais.” (Dejours et al., 2007, p. 24).

Nesse sentido, cada trabalhador vivencia ao seu modo as práticas organizacionais estabelecidas, alguns, aceitando e contribuindo para a reprodução destas, outros, se sujeitando a vivenciar trabalhos alienados, que podem levar ao desenvolvimento de patologias físicas e psíquicas que podem, ainda, estar relacionadas umas com as outras.

Dentro dessa perspectiva, este artigo foi estruturado em quatro partes, iniciando-se de um resgate dos conceitos psicanalíticos com o intuito de situar a perspectiva freudiana sobre a organização das pulsões e o narcisismo. Em seguida, o tópico, “Sociedade e Indivíduo”, traz como contextualização as relações sociais e como estas influenciam a psique do indivíduo. A partir dessa discussão, apresenta-se a Organização e Trabalho no intuito de discutir sobre o investimento narcísico nesses dois seguimentos. Finalmente, as “Considerações Finais” vêm evidenciar a importância do ferramental teórico da psicanálise na reflexão sobre como o homem se posiciona, tanto na sociedade quanto em suas relações de trabalho.

Conceitos psicanalíticos

A psicanálise define os indivíduos em três grupos, por ‘estrutura de personalidade’, que são denominados psicóticos, perversos e neuróticos. O enfoque será dado à questão dos neuróticos, os indivíduos tidos como “normais”, com o corpo psíquico marcado pela falta, que remete à relação da criança com a mãe, à figura paterna e à castração simbólica vivenciada pela criança, que Freud denominou ‘complexo de Édipo’ – identificação da criança com seus pais e a posterior superação desta na fase da puberdade. Em razão desta relação, que acontece no plano do inconsciente, o indivíduo neurótico necessita de algo externo a ele, outro objeto, para se manter vivo e preencher essa falta.

O conceito de pulsão diz respeito às relações entre o eu e os objetos do mundo. Ela é uma potência, algo que impulsiona o indivíduo em uma direção. Para

Freud (1976a, p. 54), pulsão é uma “tentativa inerente à vida orgânica de restaurar um estado anterior de coisas; ela é a expressão da inércia inerente à vida orgânica.” Trata-se de uma inferência, um “conceito-limite” entre o somático e o psíquico, porque não existe no Real, só pode ser pensada (e existir) enquanto ideia, tendo no corpo, sua fonte de excitação.

No nível das pulsões há, de acordo com Freud (1976b), o dualismo entre pulsão de morte e pulsão de vida. A pulsão de morte é uma descarga total, sem limites, controle ou direção, que visa ao desprendimento dos objetos, seu desligamento e o retorno inelutável do ser vivo à tensão zero, ao estado de ‘nirvana’. Ela não é representada psiquicamente e precisa ser contida, sendo este um dos papéis da linguagem. A pulsão de vida é representada psiquicamente e ordenada pela linguagem, tende a investir tudo libidinalmente, garantindo a coesão das diferentes partes do mundo externo do sujeito, tende ainda para permissão de associações cada vez maiores entre os indivíduos vivos. Nesses termos, Freud (1976a) afirma que o alvo de uma pulsão é a satisfação. E por satisfação, Garcia-Roza (1990, p. 64) entende a “eliminação do estado de estimulação na fonte da pulsão, sendo que aquilo através do qual essa satisfação pode ser obtida é o objeto.” É necessário acrescentar, também, que ambas as pulsões se fundem e amalgamam de maneira “muito ampla, em proporções variáveis, das duas classes de instintos, de modo que jamais temos de lidar com instintos de vida puros ou instintos de morte puros, mas apenas com uma mistura deles, em quantidades diferentes” (Freud, 1976c, p. 205).

Freud (1976d) aponta que o narcisismo é uma modalidade de organização pulsional e se divide em duas fases. A primeira fase, na qual a criança ainda não consegue reconhecer-se como *eu-no-mundo* e investe toda a sua energia pulsional em si próprio, fechando esses investimentos libidinais em si, o que é reconhecido como o *eu ideal*. Na segunda fase, é formado o *ideal do ego*, que recebe parte das energias pulsionais do sujeito. Esse ideal do ego, por vezes, tem suas funções confundidas com a do superego, por ser uma instância repressora que conduz o sujeito a dirigir suas ações numa determinada direção idealizada pelo ego, enquanto o superego, por outro lado, tem caráter impeditivo.

O termo narcisismo teve origem no mito grego de Narciso. Segundo a mitologia, filho do Deus-rio Cephisus e da ninfa Liriope, Narciso era dotado de extrema beleza, mas desprezava todo

afeto dedicado a ele. Como punição pelo desprezo à ninfa Eco, foi condenado a um triste fim: apaixonar-se por si mesmo. Assim, quando viu sua imagem refletida nas águas de uma fonte, apaixonou-se por ela e, cego de paixão, passou dias a contemplar aquela beleza, acabando por definhando até a morte, às margens da fonte (Bulfinch, 1999). Marcuse (1978) lembra que Narciso não sabia que era ele quem estava refletido nas águas e que, sendo assim, não se apaixonou de fato por si, mas pela imagem de si, na qual ele não se reconhecia. O estado contemplativo no qual permaneceu Narciso até a morte é, segundo o autor, uma alegoria que representa a importância da estética na possibilidade de se desenvolver uma nova ordem, livre da repressão excessiva e com corpos ressexualizados.

De Martini (2006, p. 116) pontua que é importante “que aos poucos sejamos capazes de desconstruir a ideia pouco sustentável, mas ainda muito presente no senso comum, de que o narcisismo equivale a algo como um fechamento do indivíduo sobre seu próprio umbigo.” O narcisismo é, para Freud (1976e), o resultado psíquico dos investimentos libidinais no ego, em que este se constitui num processo de identificação e formação da personalidade, a partir de um jogo de imagens intermediado pela palavra do outro e da representação imaginária que “pretende” totalizar o sujeito em uma unidade, uma instância psíquica ligada à consciência. No narcisismo, o ego é o próprio objeto da pulsão sexual, mesmo que esta se direcione a um objeto exterior a ele.

Dando continuidade à reflexão sobre pulsões, Paes de Paula (2003, p. 9) aponta que “a crise existencial e a pulsão de morte cercam o destino no narcisista, o impulsionam a procurar uma vítima da qual possa absorver a vida, extinguindo toda sua libido, inclusive o desejo de reagir.” Entretanto, Marcuse (1978), por outro lado, aponta que é possível que os investimentos pulsionais narcisistas sejam direcionados para atividades criativas e que permitam a realização do sujeito enquanto ser humano *lato sensu*. O autor demonstra que é latente a dualidade dos investimentos narcisistas sob a dinâmica das pulsões de vida e de morte, podendo ser vinculados a uma ou a outra.

O amor, segundo Freud (1976d), é uma maneira de se superar as deficiências do eu e investir num objeto que tenha as qualidades desejadas e

apontadas pelo eu ideal. Assim, o sujeito direciona parte de seu investimento narcísico para um objeto externo, a fim de cultivar seu ideal do ego. O autor afirma que:

[...] em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo. (Freud, 1976e, p. 143).

Esse investimento libidinal num objeto externo pode ser saudável para o sujeito, desde que este consiga evitar cair numa relação de dependência psíquica. Essa dependência acontece quando o sujeito passa a considerar o objeto externo, efetivamente, como parte de si mesmo e, assim, deixa de reconhecer as fronteiras que os separam. Quando tal situação extrema chega a acontecer, “o ego se torna cada vez mais desprezioso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o auto-amor do ego, cujo auto-sacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego” (Freud, 1976d, p. 143). Nesse estágio de identificação, a instância da crítica deixa de existir e todas as qualidades do objeto são hipostasiadas, ao mesmo tempo em que os defeitos são ignorados. A renúncia de si chega a ponto de haver uma demanda por punição, advinda de “um sentimento de culpa que, na maior parte, é inconsciente” (Freud, 1976c, p. 202), se relacionado à ambivalência inerente ao investimento pulsional a um objeto externo, como aponta o próprio autor. A mais importante modalidade desse comportamento, chamada por Freud de ‘masoquismo moral’, estado no qual a criticidade do superego atinge níveis bastante elevados.

Freud (1976c) atesta que sadismo e masoquismo guardam estreita correlação, entre si e com as pulsões de vida e de morte. Enquanto o masoquista deseja receber uma punição, real ou imaginária, para amainar o sentimento de culpa e a angústia que traz consigo, o sádico se identifica com o sofrimento causado ao outro tendo o que pode ser considerado, nesse sentido, um traço de masoquismo em seu comportamento. Percebe-se assim que essa relação é, na verdade, um jogo de identificações

mútuas que transcendem a simples relação factual objetiva, e que transcende para o plano simbólico. A libido narcisista, de amor próprio, que se direciona para o que é sádico ou masoquista tende na verdade a satisfazer uma punição que, provavelmente, é imperativo do ideal do ego. O sádico irá projetar no outro uma culpa que é sua, e identificar-se-á com a aplicação da punição que, na verdade, se acha merecedor. Seu relacionamento é com objetos e não com sujeitos. O masoquista, por sua vez, reconhece no sofrimento ao qual é submetido a justa punição que poderá aliviá-lo de sua angústia e estabelece relacionamentos assumindo a posição de objeto de outro sujeito. Perceba-se que há uma relação dialética entre ambas as tendências e que não se deve buscar “tipos puros” na realidade, sendo o comportamento sádico ou masoquista reflexo das pulsões de morte ora contra o próprio ego, no caso do masoquista, ora direcionado a um objeto externo, no caso do comportamento sádico.

Sociedade e indivíduo

Na sociedade contemporânea, os mecanismos de controle são introjetados pelos sujeitos que reproduzem em suas práticas, comportamentos fomentados pelo contexto social no qual se inserem. Marcuse (1978, p. 37) aponta que:

[...] a repressão externa foi sempre apoiada pela repressão interna: o indivíduo escravizado introjeta seus senhores e suas ordens no próprio aparelho mental. A luta contra a liberdade reproduz-se na psique do homem, como a auto-repressão do indivíduo reprimido, e a sua auto-repressão apóia, por seu turno, os senhores e as suas instituições.

Para Freud (1976a), o aparelho mental do indivíduo tende a obedecer, dentro das possibilidades, ao princípio do prazer e adapta-se às exigências externas e aos instintos de autopreservação do ego. O princípio do prazer consiste no esforço empreendido pelo aparelho mental em manter a quantidade de excitação tão baixa quanto possível, sendo ele “invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação do desprazer ou uma produção de prazer” (Freud, 1976a, p. 17). Entretanto, o princípio do prazer é ineficaz e, mesmo,

podendo ser, perigoso para organismo face ao mundo externo, sendo substituído pelo princípio de realidade, que “não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer.” (Freud, 1976a, p. 20).

Para Marcuse (1978), é sob o princípio de realidade que o ser humano adquire a faculdade da razão, que Freud (1976b) afirma ser um atributo do ego. O aparelho mental passa a ser mediado pelas exigências impostas pela realidade, controlando os impulsos do id para uma satisfação adiada e restrita. As descargas motoras que serviam, no ‘princípio do prazer’, para aliviar o aparelho mental da energia acumulada, passam a ser empregadas para alterar a realidade de maneira vantajosa. Porém, o autor evidencia que, na sociedade vigente, o princípio de realidade é atrelado ao princípio de desempenho, que demanda maior produtividade dos indivíduos a todo o tempo, tendo que ampliar assim o escopo da repressão dos instintos, onde predomina:

[...] o princípio da renúncia produtiva, que se desenvolve como sistema de todas as modificações das pulsões, de todas as renúncias, substituições, sublimações que a sociedade deve impor aos indivíduos para transformá-los, de portadores do princípio do prazer, em instrumentos de trabalho socialmente utilizáveis. (Marcuse, 2001, p. 122).

Marcuse (1978) cunha o termo ‘mais-repressão’, para evidenciar o *quantum* repressivo, que excede o necessário para a vida em sociedade e serve apenas para manter a ordem social atual. E o autor vai além, ao afirmar que “a frustração e o sofrimento foram o estímulo constante de todo o trabalho da civilização até hoje” (Marcuse, 2001, p. 120).

Os indivíduos se relacionam cada vez mais cedo com o todo social, o qual apresenta o princípio de realidade calcado no princípio de produtividade, e passam a ter dificuldade em vivenciar de maneira sadia o complexo edipiano. A identificação com o pai e sua posterior superação, que permite a formação de um superego saudável e em equilíbrio com o ego, é substituída, em parte, pela identificação direta com o todo social, com o qual é extremamente mais difícil de se fazer um rompimento. Para Adorno & Horkheimer (1985, p.

89), a família, dentro deste novo princípio de realidade, “não é mais a célula da sociedade outrora tão celebrada, já que não constitui mais a base da vida econômica do burguês. Os adolescentes não têm mais a família como seu horizonte, a autonomia do pai desaparece e com ela a resistência a sua autoridade.” Para Rouanet (2001, p. 226):

Se, em última análise, o aparelho psíquico dos indivíduos acabava, por um jogo mais ou menos complexo de mediação entre as instâncias, conduzindo à identificação com os *status quo*, esse processo se passava, apesar disso, na esfera da consciência individual. Hoje esse processo foi expropriado pela sociedade global que se encarrega de produzir a identificação imediata com o existente, prescindindo das mediações intrapsíquicas.

Assim, o superego introjeta as normas que permeiam a sociedade de maneira geral e o ideal do ego, posição que era ocupada pela introjeção da castração imposta pelo pai simbólico após a resolução do complexo de Édipo, é formado nessa relação do indivíduo com a sociedade, ou do indivíduo com o grupo, como apresenta Freud (1976c). Segundo Rouanet (2001, p. 238):

[...] na etapa do capitalismo tardio, a família perde sua importância objetiva. A socialização se realiza crescentemente por intermédio de agências extrafamiliares. É a própria sociedade global, agora, que se encarrega de injetar nos indivíduos os valores funcionais para o sistema.

Na perspectiva de Adorno (1995), as pessoas que se enquadram de maneira irrefletida em grupos são dissolvidas neste e convertidas em material. Essa confrontação direta do indivíduo com a sociedade, ou com a organização, é, em geral, negativa para o sujeito e influi negativamente no modo como ele estabelece suas relações com outros homens e com o mundo. Se no início as relações entre os homens deixavam evidentes os traços da subordinação, hoje elas não são tão explícitas e “o que principiou como submissão pela força cedo se converteu em ‘servidão voluntária’, colaboração em reproduzir uma sociedade que se tornou cada vez mais compensadora e agradável ao paladar.” (Marcuse, 1978, p. 15).

O indivíduo passa a ter sua personalidade constituída de forma enfraquecida, sujeito a não conseguir se impor frente aos ideais de ego que lhe

são alheios. Dessa forma, ele abdica de sua condição de sujeito para aderir ao ideal do ego que é representado pela organização, sem conseguir estabelecer o enfrentamento necessário para se autoafirmar. Com essa perda dos próprios referenciais, a pessoa torna-se objeto e passa a ver outras pessoas também como tal.

Apesar da força dos fatores externos no direcionamento do comportamento dos sujeitos, ressalta-se que eles carregam consigo traços do ambiente sócio-cultural no qual se passa sua história pessoal. Tal herança reflete-se na individualidade e tem influência sobre a psique, uma vez que esta é formada historicamente. A atividade psíquica é inseparável, portanto, da própria construção social, histórica e psíquica dos sujeitos, uma vez que a subjetividade destes se constrói à medida que interagem com a realidade. As informações captadas no real são interpretadas no plano cognitivo. Essa interpretação, e a resposta subsequente gerada por ela, são determinadas pela subjetividade. (Lajonquiére, 1992). Singular para cada indivíduo, o campo do subjetivo estabelece a abstração, a forma como o eu absorve e processa o ambiente no qual está inserido. É a particularização do mundo real pela dimensão cognitiva. Tal “processo historicamente determinado de ‘práxis’ social, não tem [...] nem origem nem fim” (Lajonquiére, 1992, p. 130), determina-se na historicidade do sujeito, em que se inserem a organização na qual ele atua, o trabalho que desenvolve e os relacionamentos que estabelece, como será discutido adiante.

Organizações, trabalho e dominação

O sujeito sádico tem capacidade de fazer com que suas práticas retumbem em toda a organização, através de rede de tiranetes, como as apresentadas por La Boétie (1986). Para o autor, as relações de dominação que se reproduzem ao longo das redes são o segredo do apoio à tirania. Essa, por outro lado, fortalece o poder das redes de apoio. O autor sugere que as redes de poder e dominação se formam por aqueles que servem ao tirano e que são estes que sujeitam os demais à servidão. Isso porque o número de pessoas às quais a tirania parece proveitosa é grande o suficiente para equivaler ou superar a quantidade de apoiadoras da liberdade (La Boétie, 1986). Marcuse (1978, p. 73) aponta que “o progresso da dominação por um para a dominação por muitos

envolve uma 'propagação social' do prazer e faz com que a repressão seja auto-imposta no próprio grupo governante." Sendo que os próprios dominadores passam a ser regidos pela repressão por eles imposta, ficando parte de suas energias disponíveis para a realização de trabalho produtivo.

O poder repressivo nas organizações remete às estruturas hierárquicas dos cargos e à teia de relações que os envolve. Por essa razão, tem sido visto como normal e inevitável – resultado da própria natureza da organização – a sobrevivência de personalidades frágeis, que têm no sofrimento do outro a possibilidade de livrar-se das próprias angústias. É interessante que se tenha em mente que as relações entre as pessoas na organização ocorrem no interior duma rede de poder que, conforme aponta Faria (2004, p. 120), não existe:

[...] senão como prática, como relação, como um exercício, de forma que o poder não pertence a ninguém e não está em algum lugar, mas em toda a estrutura social, o que significa que seu caráter relacional implica que as lutas de resistência somente podem ser desenvolvidas no interior das redes de poder.

A organização reificada assume uma potência que não pode ser enfrentada pelo sujeito a não ser que ele assuma o risco de seu aniquilamento (Pagés, Bonetti, Gaulejac & Descendre, 1987). O indivíduo pode passar a aceitar sua existência apenas como fenômeno da existência da própria organização, numa identificação extrema que possibilita a dependência. Se isso ocorre, as organizações acabam por conseguir uma força tamanha, que legitimam suas ações através de uma racionalidade técnica à qual o trabalhador solitário tem que se sujeitar para respeitar ao princípio de produtividade (Marcuse, 1978). É a defesa ou vingança do fraco o que passa a caracterizar o crime, devendo este aceitar passivamente ser subjugado, submetendo-se às práticas impostas (Adorno & Horkheimer, 1985). O próprio trabalhador se encara como objeto da organização-sujeito. Tem-se então que o homem fica alienado da sua condição humana quando se imiscui nessa malha engendrada pela empresa, passando a ser predicado e nunca sujeito.

Uma das maneiras pela qual a dominação dos sujeitos se reproduz na sociedade está vinculada ao seu relacionamento com as organizações. Ao passo que o ordenamento social atual passou a ser

encarado por muitos como a única possibilidade de organização social, as empresas capitalistas passam a ser vistas como naturais e inerentes à realidade, não conseguindo as pessoas vislumbrar possibilidades que se situem além dessa ordem. Isso implica na possível aceitação de práticas de dominação e submissão às quais estão sujeitos os indivíduos e na reprodução dessas práticas em outras esferas da vida social. Para Pagés et al. (1987), a organização é definida como um conjunto dinâmico de respostas a contradições, um sistema de mediações que deve ser compreendido a partir das mudanças das condições da população e das contradições entre os trabalhadores, a empresa e o sistema social que os permeia. Em última análise, as contradições que emergem na sociedade dominada pelo capital.

Recorrendo à teoria psicanalítica laciana com base nos estudos de Freud, observam-se na estrutura psíquica, as esferas representativas do Real, Simbólico e Imaginário, interligadas, onde a articulação desses três registros forma um nó central de junção, denominado "Nó de Borromeo". O que se tem como representativo da junção desses três elementos é denominado *Realidade*, ou seja, a própria representação do sujeito em uma imagem totalizante, o Ego. Pelo *Real* compreende-se tudo aquilo que não é representado e, portanto, impossível e inacessível. Não é dado à consciência, ou seja, é sempre suposto e radicalmente novo, 'a coisa em si', sem nome e sem imagem. O único encontro possível com o Real é a morte. Também para as organizações, esse encontro não é possível, e a realidade será composta de representações sobre representações.

Quanto ao *Simbólico* na Psicanálise, pode-se dizer que ele é o universo da linguagem, dos símbolos e dos significantes. É o lugar onde aparece a questão neurótica da falta. Do mesmo modo, no âmbito das organizações, pode-se compreender o *Sistema Simbólico*. Ele está ligado, segundo Enriquez (1997), às instâncias míticas, de rituais e heróis, e à história das empresas. Ou seja, por meio do discurso, dos símbolos organizacionais e dos múltiplos significantes, estas buscam o controle afetivo e intelectual de seus membros. Esse sistema busca várias perspectivas de um mesmo fato, seu universo de significações onde a história pode ser repensada e remontada por meio de uma rede de possibilidades.

Por fim, observa-se a esfera psicanalítica do *Imaginário*. Nele prevalece uma imagem que pretende totalizar o real em uma relação imediata, não mediada pelo simbólico (a linguagem), ou seja,

tomar a própria imagem como sendo a “coisa em si” (o Real), onde não prevalece a palavra. Para Enriquez (1997 p. 35), a organização vai “produzir um sistema imaginário sem o qual os sistemas simbólico e cultural teriam dificuldade em se estabelecerem.” O autor sugere duas formas de Sistemas Imaginários: o ‘enganador’ e o ‘motor’, através do qual as organizações são vistas como um grupo, com linguagem própria reconhecida entre seus membros, levando as pessoas a não se sentirem reprimidas pela organização, construindo, portanto, um terreno fértil para o discurso do desenvolvimento da criatividade e espaço para as diferenças.

Através do ‘imaginário enganador’, a empresa, via discurso da alta administração, se coloca como entidade forte para responder às demandas dos indivíduos, na tentativa de substituir o imaginário dela pelo deles, de forma a promover uma identificação com a organização coisificada. Desse modo, ela se posiciona falsamente como o lugar de possibilidade de realização, reconhecimento e poder de seus membros, já que ela passa a ocupar o lugar dos anseios de cada indivíduo. A imagem grandiosa construída vai enraizar-se num imaginário próprio, disseminado não apenas por todos os seus membros internos, que são envolvidos a participar, mas também pela sociedade. Já no imaginário motor, como dissemos anteriormente, as organizações constroem terrenos em que as pessoas são reconhecidas como membros, e que são inseridos em um ambiente aberto à criatividade e à convivência de diferenças.

Assim, o *imaginário enganador* parece se sobrepor ao *imaginário motor*, aparecendo a seus membros como uma comunidade harmônica de dominantes e dominados, exercendo assim a ferramenta de controle pela identificação – imaginária – com ela, desenvolvendo o sentimento de pertencer ao grupo e, possivelmente, vir a assumir futuramente uma posição de dominador. Apesar de Enriquez (1997) dar a entender que é desejável que o imaginário motor deveria prevalecer sobre o enganador, entende-se que ambos capturam a libido do sujeito, levando a identificações que fazem com que esse fique alienado de seus verdadeiros desejos singulares, que emergiriam de forma autônoma se não fossem influenciados pela organização. De outra maneira: o imaginário motor apenas mascara a alienação.

Nas organizações capitalistas clássicas, segundo Pagés et al. (1987), existe uma espécie de deslocamento do lugar das projeções inconscientes dos chefes para a organização. A organização passa a

assumir “o lugar privilegiado da identificação, da projeção e da introjeção”. Esse fenômeno é importante, pois aponta uma alteração nos mecanismos de reprodução social, já que o papel castrador do pai é assumido por um sistema inconsciente, maternal, do qual a organização se faz representante. Pagés et al. (1987, p. 148) apontam que, na empresa capitalista tradicional, o papel do chefe se confundia com o papel do pai e possibilitava uma relação de identificação e negação, com as normas da organização e com ela própria. Já na empresa capitalista “hipermoderna”, por sua vez, as normas, os regulamentos e o próprio poder passam a ser encarados como sujeito-objeto de si próprios, como se possuíssem comportamento autoengendrado. Ao mesmo tempo, a empresa deixa de incorporar o aspecto do pai (da lei) e passa a transmitir a imagem da mãe (o sentimento). Faria & Meneghetti (2002, p. 2) afirmam que pela racionalização do processo de trabalho,

[...] uma concepção se torna comum e corriqueira: considerar o indivíduo como um meio e a organização como uma instituição, de forma que se pode institucionalizar uma desumanização das relações de trabalho. Quando o processo de racionalização considera os indivíduos como “engrenagens do sistema”, como “peças da estrutura funcional do sistema produtivo”, os está também considerando agentes passivos na transformação do trabalho.

Nesse sentido, a organização, por meio das práticas da alta administração, fundamenta sua dominação psicológica a partir da oferta reiterada de amor, provocando em cada sujeito uma relação de dependência e de busca incessante pelo amor e aceitação da empresa-mãe. É nesse contexto que se dá a sujeição do indivíduo; mas são os processos de abstração, objetivação, desterritorialização, individuação e canalização, apresentados pelos autores, que acompanham a mediação e que são determinantes para a subordinação do indivíduo conforme explicação de Pagés et al. (1987). Esses cinco processos, disseminados a partir das práticas e políticas dos Recursos Humanos, vêm fundamentar uma produção ideológica de interiorização de condutas e crenças que são introjetadas e, ao mesmo tempo, impedem a emergência consciente das contradições do sistema. A introjeção dessa ideologia promove um processo de autopersuasão e, conseqüentemente, de submissão, que pode se dar de maneira sádica ou masoquista.

É importante ressaltar que essa ideologia tem como função principal o reforço da dominação e o aumento da exploração, ao mesmo tempo que procura reforçar positivamente a imagem da organização a um nível simbólico, não permitindo aos indivíduos se conscientizarem dessas contradições. A autopersuasão acontece então quando a “perfeição” dos princípios da empresa são colocados em prática por meio de homens “imperfeitos”, isentando a organização de erros e mascarando as contradições.

Para Marcuse (2001, p. 116), como a noção de progresso não é dissociada da produtividade, a vida passa a ser sentida e vivida como trabalho, sendo este, o próprio conteúdo da vida. “O trabalho é concebido como socialmente necessário, útil, sem ser em absoluto concebido como trabalho individualmente satisfatório, individualmente necessário”. Para o autor “o trabalho, que se torna a própria vida, é trabalho alienado.”

Entender que o trabalho executado no interior das organizações é alienado/alienante constitui fator relevante para se compreender a dinâmica da sujeição que existe no interior dessas organizações. Os homens, alheios aos produtos de seu trabalho, veem o dinheiro que recebem como o único fruto de seus esforços e, assim, não reconhecem sua capacidade de transformar a realidade a partir de suas ações. Faria & Meneghetti (2002, p. 5), afirmam que o “indivíduo, separado do produto que faz, é reificado. O capital o instrumentaliza para a produção de valores excedentes que serão apropriados para constituírem as bases da acumulação simples e ampliada.” Na percepção de Adorno (1995, p. 152), “existe uma grande carência de possibilidades sociais de individuação, porque as possibilidades sociais mais reais, ou seja, os processos de trabalho, já não exigem mais as propriedades especificamente individuais.” O que é demandado do indivíduo beira a esquizofrenia: ao mesmo tempo em que é isolado dos seus, vê-se impelido a aderir a uma organização que se apresenta, no discurso dominante, como um grupo de pessoas que se une para atingir um objetivo comum, sem definir quais objetivos que são comuns a quais pessoas.

Isso conduz à formação de personalidades com ego fragilizado, fruto de mecanismos como os apresentados por Pagés et al. (1987) na análise de empresas hipermodernas, de cooptação da subjetividade, acabam por criar uma dinâmica

perversa no interior das organizações. O que pode se reproduzir na coletividade. É interessante perceber que:

O modo como a sociedade produz suas contradições revelam não apenas as condições sociais, mas as formas como a organização capitalista desenvolveu os mecanismos de controle sobre o processo de trabalho, em particular, e de produção, em geral e, portanto, como se apoderou de sua condução objetiva e subjetiva (ideológica, simbólica). (Vasconcelos, 2007, p. 1).

Quando os instintos que visam à satisfação são canalizados unicamente para as atividades produtivas, a repressão destes faz com que o ego tenha que valer-se dos seus mecanismos de defesa para regular a relação do aparelho psíquico com o ambiente. Ao mesmo tempo, o superego torna-se também mais forte e faz demandas cada vez mais severas ao ego, aumentando a pressão sobre ele. A partir desse duplo efeito da canalização dos instintos unicamente para atividades produtivas, sem as recompensas de satisfação desejáveis, os sujeitos passam a sofrer basicamente dois efeitos: acabam por aceitar a repressão imposta pelo ambiente, desenvolvendo sintomas para lidar com ela e, por outro lado, têm maior dificuldade de suprimir aos impulsos que vêm do id. Logo, passam a aceitar práticas abusivas e acabam por internalizar e se submeter inconscientemente às regras estabelecidas, reproduzindo essas práticas para satisfazer o id e o superego.

Alienados por sua própria condição, a maioria dos trabalhadores não têm como questionar as relações de trabalho que os envolve e menos ainda a estrutura de poder vigente. Hardy & Clegg (2001, p. 269) consideram que “aqueles que têm relativamente menos poder, permanecem assim porque são ignorantes sobre os caminhos do poder.” Nesse sentido, Faria (2004, p. 121) complementa, afirmando que “o exercício do poder não é propriedade, mas estratégia, não é um privilégio do qual se apropria, mas manobras e táticas, uma luta antes que um contrato”, é um jogo que se joga mesmo que não se saiba quem ordenou as regras.

Retomando a teoria freudiana das pulsões de vida e pulsões de morte, Enriquez (2007, p. 17) reconhece como um dos elementos essenciais do poder “a proeminência da pulsão de morte sobre a pulsão de vida. A essência de todo poder é ser ele

fundamentalmente *destrutivo*.” Ao passo que, para Faria & Meneghetti (2001), os dominantes, utilizando-se da violência que sempre acompanha as relações de dominação, exercem sobre os dominados, pressões para que a força que impele à integração ao “grupo” atue intensamente sobre os indivíduos e sobre grupos singulares, se autoperpetuando. A violência tende a destroçar o particular e individual e seu potencial de resistência. Junto com estes, as pessoas também perdem suas qualidades (Adorno, 1995) e se convertem em massa uniforme e despersonalizada.

Convém, contudo, salientar que a empresa, enquanto objeto de investimento libidinal, existe dessa maneira para os indivíduos que a tratam como tal. Esse ente intangível tem suas políticas, normas e regulamentos implantados e aplicados por homens. Não que sejam estes os culpados diretos pelas mazelas que são fruto desse relacionamento. Como aponta Oliveira (2004), é a própria relação de trabalho que aliena tanto o capitalista quanto o trabalhador. Porém, para o autor, o primeiro tem direito a um *mais-gozar*, que ele extrai juntamente com a *mais-valia* do trabalhador. Se a alienação é fenômeno geral e apenas o capital é sujeito-objeto de si próprio, o capitalista tem possibilidade de desfrutar sempre maior que a de seus empregados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que o trabalho ainda pode ocupar um papel central na vida dos indivíduos. Não é raro perceber que para muitas pessoas o trabalho é a própria vida e que alguns indivíduos não conseguem vislumbrar nada além da organização em que estão inseridos. Isto se dá devido às ferramentas de manipulação que se utilizam de fraquezas psíquicas e da imputação de símbolos. Essa luta injusta entre indivíduo e organização resulta num trabalho alienado que tem um custo para os indivíduos, para o seu psiquismo e, frequentemente, também para aqueles que com estes se relacionam.

Marcuse (2001, p. 116) afirma que é necessário que sejam feitas alterações no modo de vida e na sociedade para que o tempo gasto no trabalho alienado deixe de ser o próprio tempo da vida e que, deste modo, a energia pulsional volte “a ser energia das pulsões de vida.” Para o autor, é preciso que “um *princípio da realidade qualitativamente diferente* substitua o princípio da realidade repressivo” (grifos no original), e deste modo traga consigo uma mudança

radical, tanto no plano psíquico dos indivíduos quanto na própria realidade histórico-social. Segundo Paes de Paula (2003, p. 5), na visão utópica de Marcuse, numa sociedade realmente civilizada,

[...] estaríamos livres do trabalho alienado, da ‘mais-repressão’ e do princípio do desempenho. Assim, as pessoas poderiam escolher seu trabalho cotidiano sem a necessidade de dessexualização ou renúncia, alcançando um elevado grau de prazer com suas atividades. O progresso não significaria acúmulo de bens materiais, lazeres alienantes e elevação pessoal, mas esforços humanos para o desenvolvimento mútuo, no qual a cooperação superaria o ciúme e a inveja.

Entretanto, deve-se ressaltar que a abordagem contemplada neste artigo não é capaz de englobar todas as categorias possíveis que se relacionam com a temática, tampouco teve essa pretensão. Objetivou-se aqui responder *como as pulsões narcisistas dos sujeitos interferem na construção de seu universo simbólico influenciando e sendo influenciados no decorrer de seu relacionamento com as organizações?* Relacionou-se a libido narcisista dos sujeitos com as práticas de poder aplicadas pelas organizações na fase do capitalismo tardio, o que influencia na psique e no plano simbólico. Percebeu-se que a substituição do ideal do ego pela imagem internalizada da organização pode ter um efeito negativo sobre o narcisismo do sujeito, trazendo à tona comportamentos sádicos e masoquistas que, por sua vez, estão vinculados às pulsões de vida e de morte descritas por Freud. Acredita-se que foi valioso perceber a dificuldade de se trazer cogitações baseadas em conceitos psicanalíticos para o âmbito da teoria das organizações sem uma reflexão vigorosa a respeito dos próprios conceitos. Além disso, o caráter dinâmico e volátil das relações estabelecidas no meio social pode ser claramente percebido. A própria existência do ser-no-mundo, implica em uma miríade de interações que o sujeito estabelece, que formatarão seu aparelho psíquico e que remeterão à dinâmica pulsional dos sujeitos.

É a partir da dialética entre o sujeito e sua família, entre o sujeito e a sociedade, o sujeito e seu trabalho na organização, que as análises a respeito dos investimentos pulsionais estabelecidos no ambiente de trabalho devem ser principiadas. O próprio trabalho permanece um importante ponto de investimento de energias libidinais dos homens e, deve-se ressaltar, as

organizações vêm ampliando sua zona de influência através de práticas simbólicas, buscando ocupar espaços que antes eram preenchidos pela família e por outras instituições sociais, que habitam as instâncias simbólicas dos indivíduos.

O favorecimento de ambientes que demandam tanto comportamentos sádicos quanto comportamentos masoquistas pode, em curto prazo, ser coerente com a necessidade de manutenção do 'princípio de produtividade' e a busca desenfreada pelo desempenho. Essa utilização das pulsões como forma de alienar e buscar incremento de performance, como pode ser visto no estudo de Pagés et al. (1987), provoca uma desmaterialização do poder. As projeções e identificações passam a se dar com organizações e não com pessoas, sendo as primeiras percebidas como objetos-sujeito com existência autônoma. Grupos sociais passam a ser reduzidos à soma de indivíduos sem influência e sem cumplicidade, o que reforça os princípios da dominação. Essa dominação deixa de ser explícita, como no sistema capitalista tradicional, e passa a ser oculta e introjetada, impedindo a localização do dominador, visto que a ação do poder agora se encontra no inconsciente. Porém, é importante ressaltar que a dominação acontece a partir da permissão do dominado, "a dominação é o produto da mescla de coerção e de aceitação, este último elemento talvez seja o mais forte" (Pagés et al., 1987, p. 227).

A atuação dos sujeitos nesse contexto de dominação da psique, por mecanismos cada vez mais sutis, deve ser vista como parte do processo amplo que reflete o ambiente sócio-histórico. Os processos de investimento libidinal que levam a determinados comportamentos, a exemplo do sádico e do masoquista, não podem ser compreendidos unicamente como sendo fruto de problemas psicológicos dos trabalhadores. É o próprio processo de controle social, de dominação e de alienação no trabalho que leva o ego a valer-se de seus mecanismos de defesa para manter-se atuando, de modo a interceder sobre as demandas do id e do superego. Por isso, deve-se evitar 'psicologizar' o comportamento dos sujeitos e buscar relacionar fatores que são externos a ele, à sua atuação social e no ambiente profissional.

É importante haver reflexão a respeito dos custos pagos pelos sujeitos inseridos nessa dinâmica de trabalho alienada, fator que muitas vezes não permite o acesso à satisfação direta pelo desempenho de atividades prazerosas e providas de sentido. Essa discussão deve ao menos perpassar a dimensão dos valores sociais cultuados na sociedade atual, que dão subsídio para as práticas e comportamentos

aqui discutidos. Sugere-se que novas pesquisas que contemplem os conceitos aqui abordados sejam realizadas, observando-se questões como a violência e o assédio moral no interior das organizações, que vêm ganhando crescente importância, tanto no âmbito acadêmico quanto no organizacional. Os conceitos psicanalíticos aliados às análises da sociedade, dos símbolos e de seus significados, são de grande valia para desvelar os abusos aos quais os sujeitos são, muitas vezes, submetidos no seu ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. W. (1995). **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra.
- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). **Dialética do esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bulfinch, T. (1999). **O livro de ouro da mitologia: A história de deuses e heróis**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- De Martini, A. (2006). **A metapsicologia dos descentramentos entre sujeito e objeto na obra de Freud**. São Paulo. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dejours, C., Abdoucheli, E., & Jayet, C. (2007). **Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Djouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. São Paulo: Atlas.
- Enriquez, E. (2007). **As figuras do poder**. São Paulo: Via Lettera.
- Enriquez, E. (1997). **A organização em análise**. Petrópolis: Vozes.
- Faria, J. H. de. (2004). **Economia política do poder: Fundamentos**. Curitiba: Juruá.
- Faria, J. H. de., & Meneghetti, F. K. (2002). A instituição da violência nas relações de trabalho. In **Anais, 26. Encontro Nacional da Associação Nacional Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2002**, Salvador. Rio de Janeiro: ANPAD. 1 CD-ROM.

- Freud, S. (1976a). **Além do princípio de prazer.** (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18 [1920-1922]). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976b). **O ego e o id.** (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19 [1923-1925]). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976c). **O problema econômico do masoquismo.** Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19 [1923-1925]). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976d). **Psicologia de grupo e análise do ego.** (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18 [1920-1922]). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976e). **Sobre o narcisismo: Uma introdução.** (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 14 [1914-1916]). Rio de Janeiro: Imago.
- Garcia-Roza, L. A. (1990). **O mal radical em Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Hardy, C., & Clegg, S. R. (2001). Alguns ousam chamá-lo de poder (pp. 260-289). In S. Clegg, C. Hardy et al. (Org.). **Handbook de estudos organizacionais: Reflexões e novas direções.** São Paulo: Atlas.
- La Boétie, E. (1986). **Discurso sobre a servidão voluntária.** Lisboa: Antígona.
- Lanjonquiére, L. de (1993). **De Piaget a Freud: Para repensar as aprendizagens.** Petrópolis: Vozes.
- Leclaire, S. (1954). Ideal do Eu e Eu-ideal (pp. 152-167). In Lacan, J. **A tópica do imaginário.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lubit, R. (2002). O impacto dos gestores narcisistas nas organizações. **Revista de Administração de Empresas, 42(3),** 66-77.
- Marcuse, H. (2001). **Cultura e psicanálise.** São Paulo: Paz e Terra.
- Marcuse, H. (1978). **Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Rio de Janeiro: Zahar.
- Oliveira, C. (2004). Capitalismo e gozo: Marx e Lacan. **Tempo da Ciência, 11(22),** 9-24.
- Paes de Paula, A. P. (2003). Eros e narcisismo nas organizações. **RAE Eletrônica, 2(2),** 1-12.
- Pagés, M., Bonetti M., Gaulejac V. de, & Descendre D. M. (1987). **O poder das organizações.** São Paulo: Atlas.
- Rouanet, S. P. (2001). **Teoria crítica e psicanálise.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Vasconcelos, A. (2007). **Os paradoxos entre a saúde mental no trabalho e as estratégias organizacionais de promoção de saúde do trabalhador: Um estudo de caso.** Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco.

Recebido: 19/08/2008

Received: 08/19/2008

Aprovado: 10/12/2008

Approved: 12/10/2008